

UM ENCONTRO (IMAGINÁRIO), PEDAGÓGICO SOBRE A MEMÓRIA ENTRE ELPÍDIO PIMENTEL E VYGOTSKY

Monticelli, Fernanda Ferreyro¹

Eixo Temático 5: Formação de Professores

RESUMO

Ao apresentar as aproximações entre dois educadores: Elpídio Pimentel e Vygotsky que abordaram a importância da faculdade mental da memória, tem-se o objetivo de defender o conhecimento histórico das práticas discursivas como uma ferramenta de conhecimento dos saberes docentes. Este trabalho surgiu ao verificar que as pesquisas contemporâneas, na área da educação especial não fazem menção à memória da formação docente. Nesse sentido, o trabalho aborda a memória, fazendo memória da história da educação especial e defende seu uso nas produções acadêmicas nesta área. Para fazer a confluência entre os dois teóricos será feita referência a Boaventura de Sousa Santos (2008). Como metodologia é utilizada a pesquisa bibliográfica, com base na informação de dados quanti e qualitativos e como análise escolhe-se a memória destacada como uma das faculdades mentais por Pimentel para fazer relação com o desenvolvimento cultural desta função mental estudada por Vygotsky. O trabalho apresenta uma breve biografia dos escritores. Constatou-se escassas produções sobre a história da educação especial. Além disso, os fragmentos sobre a memória discorrida pelos educadores revelam indícios da visão essencialista, por parte de um e materialista, por parte de outro educador. Espera-se que as futuras pesquisas, voltadas para a linha de pesquisa da formação de professores em educação especial, cujo *locus* seja o Estado do Espírito Santo, estabeleçam relação com a história da formação de professores neste Estado. O conhecimento das práticas discursivas de exclusão, segregação situadas em diferentes realidades históricas, reverbera na fundamentação dos discursos inclusivos.

Palavras-chave: História da formação docente no Espírito Santo, Elpídio Pimentel, memória, Vygotsky, processo funcional

INTRODUÇÃO

Tem sido dito que a verdadeira essência da civilização consiste na construção de monumentos de forma a não esquecer fatos históricos (VYGOTSKY,2000, p. 68).

¹ Doutorado em Educação pela linha de pesquisa: Práticas Educacionais Inclusivas. PPGE/UFES

Fazer uma relação entre o capixaba Elpídio Pimentel (1894-1971) e o russo Lev Seminovtich Vygotsky (1896 - 1934) pode, à primeira vista, parecer algo totalmente incongruente. Entretanto, a leitura atenta deste estudo, ao fazer a aproximação entre os dois educadores que discorreram sobre memória, alcança seu objetivo, qual seja: defender o conhecimento histórico das práticas discursivas como uma ferramenta de conhecimento dos saberes docentes. Tendo em vista que Vygotsky estuda as funções psíquicas superiores, um teórico muito utilizado nas pesquisas na área de educação especial. é que se volta à Elpídio Pimentel por ter sido um educador de influência nos anos 20 do século XX, no Espírito Santo.

Este estudo é relevante, pois são escassas as pesquisas ou as teses na linha de pesquisa em educação especial, que estabelecem relação com a história da educação especial, em nível nacional, de modo particular no estado do Espírito Santo. Mais reduzidas são as pesquisas sobre as narrativas relativas à história da educação especial, para formação de professores. Ao não se adentrar no passado é como se a história das práticas discursivas de um tempo remoto, não tivesse relação com as práticas discursivas da atualidade.

Para encorajar a escavação epistemológica e realizar um vínculo imaginário entre teóricos de zonas de contato distintas é que o trabalho irá se referendar em Boaventura de Sousa Santos. De acordo com Sousa Santos (2008), vivemos um tempo de repetição, sem fulgurações. O longo prazo colapsa no curto prazo. Todavia, sem conhecer a história é como se a inclusão escolar não fosse uma das faces da história inventada pelos humanos. Como se a proposta inclusiva nunca estivesse ameaçada. Conhecer os ambientes manicomiais, as propostas de educação das escolas e classes especiais é um dos muitos temas que se precisa adentrar, corajosamente. Ao visitar o passado da educação especial fazer é com que se

[...] converta em razão antecipada da nossa raiva e do nosso inconformismo. [...] Um passado reanimado em nossa direção pelo sofrimento e pela opressão que foram causados na presença de

alternativas que os podiam ter evitad” (SOUSA SANTOS, 2008, p. 83).

É verdade que a história da educação especial não está totalmente esquecida ou invisibilizada. Estudos como de Jannuzzi (2004) e Mazzota (2005) têm sido amplamente referendados, de modo a contribuir com as reflexões em nível nacional. Nesse ponto, surge a questão: e as histórias nas diferentes regiões e estados brasileiros?

Durante a leitura, serão apresentados os modos de produção metodológica deste trabalho. Houve necessidade de fazer uma revisão de literatura e, para isso, foi feita uma pesquisa quantitativa no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram encontrados 61 trabalhos diante do assunto: “história da educação especial”. Destes, a Universidade Federal de São Carlos apresentou sete pesquisas, a Universidade de Sergipe, seis. Outras em números menores que cinco.

Uma segunda garimpagem e seleção foi elaborada pela leitura dos títulos. Nesse sentido, foram descartados estudos que, pelo título, não abordavam diretamente a história da educação especial. Por exemplo, não foram computados: história dos professores, narrativas de alunos pelas suas histórias, histórias de vida de alunos, dentre outros.

Desse modo, verificou-se pela leitura dos títulos que, apenas dezenove pesquisas de mestrado e doutorado foram encontradas no portal da BDTD, do ano de 1977 até 2020.

Estes estudos abordam diferentes temas das linhas de pesquisa em educação especial. A história do autismo, o “anormal”, deficiente intelectual, inclusão, exclusão e deficiências escolares tem um trabalho cada. Tema relativo à surdez foram encontrados três. Sobre Helena Antipoff, dois, e seis estudos relativos ao tema sobre história da educação especial.

Quadro 01: Título das pesquisas sobre a história da educação especial

Título e autor da pesquisa	Instituições de defesa	Titulação
Histórias e memórias de práticas educacionais relacionadas às pessoas com autismo em Sergipe (1962-1993) por Andrade, W.P.de O. Data de Defesa: 2019	Universidade Federal de Sergipe	Mestrado
Formação de professores para a educação especial: a experiência de Helena Antipoff e seus colaboradores na Fazenda do Rosário, na década de 1960 - por M.de F. Pio Cassemiro Defesa: 2018	Universidade Federal de Minas Gerais	Doutorado
Cultura Escolar De Surdos: História, Memórias E Representações Nas Escolas Municipais Para Surdos De São Paulo (1970-1990). por Pereira, C. C.A. F. Defesa: 2018	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	Mestrado
Institucionalização e educação do menor anormal em Sergipe (1940-1979) por M., M. Morais - Defesa: 2018	Universidade Federal de Sergipe	Doutorado
A avaliação diagnóstica das dificuldades escolares (1929-1973): preleções de Helena Antipoff por A. M. M.B. Francisco Defesa: 2018	Universidade Federal de Minas Gerais	Mestrado
Gênese da educação de surdos em Delmiro Gouveia por Vilela, C.N. Defesa: 2016	Universidade Federal de Sergipe	Mestrado
Histórias da educação especial produzidas a partir de matérias publicadas em jornal paulista : 1997- 2004 por Santos, K. S. Defesa: 2016	Universidade Federal de São Carlos	Mestrado

Atividade docente e Educação Especial: dos encaminhamentos históricos ao contraponto Histórico-Cultural por Rossato, S.P..M Defesa: 2016	UNESP	Doutorado
Processos de exclusão da/na escola no período da Primeira República (1889-1930) no Estado do Espírito Santo - por Monticelli, F. F. Defesa: 2014	Universidade Federal do Espírito Santo	Doutorado
Educação especial no município de Vitória/ES no período de 1989 a 2012: políticas e direito à educação - por Gobete, G. Defesa: 2014	Universidade Federal do Espírito Santo	Doutorado
Educação e inclusão no Brasil (1985-2010) por Padilha, C. A. T. Defesa: 2014	Universidade Estadual de Campinas	Mestrado
Educação especial em Roraima: história, política e memória por Siems-M. M. E. R. Defesa: 2013	Universidade Federal de São Carlos	Doutorado
A escola de cegos na historiografia da educação especial maranhense por Fraga, L. M. Defesa: 2013	Universidade Federal do Maranhão	Mestrado
O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970) por Nunes, P. M.S. Defesa: 2013	Riufs	Mestrado
Toda criança é capaz de aprender: as contribuições de Edouard Séguin (1812-1880) para a educação da criança com deficiência intelectual por Rosa, K. N.S. Defesa: 2012	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Mestrado
Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a educação especial no Brasil por Rafante, H. C.	Universidade Federal de São Carlos	Mestrado

Defesa: 2011		
Educação especial em Santa Catarina: gênese da institucionalização (décadas de 1950 e 1960) por Martins, M. B. Defesa: 2003	Universidade Federal de Santa Catarina	Mestrado
O oralismo como método pedagógico: contribuição ao estudo da história da educação do surdo no Brasil - por Soares, M. A. L. Defesa: 1996	Universidade Estadual de Campinas	Doutorado
Estudo da estrutura e funcionamento da educação especial nos sistemas estaduais de educação do Brasil por Edler, R. Defesa: 1977	Instituto de Seleção e Orientação Profissional, Fundação Getúlio Vargas - FGV	Mestrado

Quadro feito pela autora, 2020.

A análise do quadro acima revela que, das dezenove pesquisas sobre a história da educação especial, sete são em nível de doutorado. A maior parte foi realizada no estado de São Paulo com oito (8) produções, e depois em Sergipe com quatro (4). O ano de 2018 contou com quatro (04) defesas, ao passo que nos anos de 2016, 2014 e 2013 ocorreram três defesas em cada um.

Estas pesquisas apresentam uma produção tímida. Há de se questionar o passado, interrogar as imagens desestabilizadoras e fazer com que sejam amplamente partilhadas, para que não se repitam. Para se reportar à história é preciso se utilizar da memória, enquanto função mental, além de ser impulsionado pelas condições políticas, pedagógicas, dentre outras.

Conforme Le Goff, a história deve esclarecer a memória e ajudá-la a reparar os seus erros. Assim como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos de elaboração histórica.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, p. 366).

Após fazer esta relação entre a função da memória e a história, será iniciada a conversa imaginária e pedagógica entre dois educadores que discutiram sobre a função da memória. Entretanto, como mencionado, será feita uma breve apresentação de cada um.

Elpídio Pimentel

Pode-se afirmar que, no ano de 1923, um dos professores engajados na defesa por uma sociedade espírito-santense mais emancipada pelo conhecimento foi o professor Elpídio Pimentel, nascido no ano de 1894, no município de Serra, no Estado do Espírito Santo. Além de formar-se como advogado, centrou sua atuação como jornalista e professor. Como jornalista, foi o editor do órgão oficial do Estado, pelo jornal *O Diário da Manhã*, no qual escrevia uma coluna muito lida e apreciada: "O que os pais devem ler".

Além disso, dirigiu a revista *Vida Capixaba*, que, em 1954, liderou nas bancas de revista. Foi membro fundador da Academia Espírito-Santense de Letras. Em sua atuação como professor, Elpídio Pimentel lecionou na Escola Normal Pedro II e representou o Espírito Santo como delegado único, no 4º Congresso Nacional de Instrução Superior e Secundária, realizado no Rio de Janeiro, em 1922. Em 1939, já residindo no Rio de Janeiro, prestou concurso e passou a fazer parte do corpo docente do Colégio Pedro II, como professor de Português (ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, 2011) e Literatura, considerada esta, a única escola padrão para as demais escolas, na medida em que o ensino normal de formação de professores no Brasil, até 1946, era descentralizado regionalmente (KULESKA, 2011). Uma das obras escritas pelo professor capixaba e mais lidas por educadores, de acordo com Schwartz (2008), foi o manual didático *Postillas Pedagógicas*.

Lev S. Vygotsky

Vygotsky nasceu a 5 de novembro de 1896, na cidade de Orsha, na Bielorrússia. Começou sua pesquisa literária após graduar-se, em 1917, na Universidade de Moscou, com especialização em literatura. Logo depois da Revolução Russa, em 1917, e até 1923, lecionou literatura e psicologia numa escola em Gomel, vindo a fundar a revista literária *Verask*, instrumento que lhe serviu para publicar sua primeira pesquisa em literatura, com o título de: *A Psicologia da Arte*. Em 1924, mudou-se para Moscou, onde atuou no Instituto de Psicologia e depois no Instituto de Estudos das Deficiências, por ele criado. Dirigiu um departamento de educação para crianças deficientes físicas e retardadas mentais, em Narcompros, além de ministrar cursos na Academia Krupskaya de Educação Comunista, no Instituto Pedagógico Estadual de Moscou. Posteriormente, em Kharkov, cursou Medicina (LURIA In VYGOTSKY, 2000).

Algumas aproximações contidas nas biografias

Após a breve exposição das informações biográficas dos educadores é possível verificar que a data de nascimento é próxima. Enquanto Elpídio Pimentel nasceu no ano de 1894, Vygotsky, nasceu em 1896. O contexto relativo ao século XIX revela aspectos importantes na história da ciência humana. Até meados do século XIX, o estudo da natureza humana era um atributo da filosofia. Um período demarcado por dicotomias entre mente e corpo, filosofia e ciência.

Outro aspecto é que os dois autores tiveram apreço pela arte, em especial, a literatura e ambos a ensinaram. Os dois fundaram uma revista literária: Pimentel fundou e dirigiu *Vida Capichaba*, enquanto Vygotsky, fundou *Verask*. O outro aspecto a salientar são as datas de 1922 – 1923, as quais marcaram a presença de ambos em congressos, cujos locais são totalmente distintos e revelam os indícios de rupturas ideológicas.

No que se refere à história da formação docente, no Espírito Santo, o professor Elpídio Pimentel foi, possivelmente, no que tange à orientação aos professores, nos idos dos anos 20, do século XX, um dos primeiros a abordar conhecimentos específicos sobre alunos “ortofrênicos”. Se o educador capixaba inaugurou por meio impresso, a formação dos professores no Estado do Espírito Santo e abordou o que hoje se intitula educação especial, Vygotsky, em período similar, inaugura a teoria histórico-cultural. Enquanto o professor capixaba se restringiu a fazer uma tradução dos conhecimentos relativos à pedagogia, Vygotsky irá se deter em uma transformação no campo pedagógico. Na perspectiva de Martins (2000, p.7), “ O que Vygotsky procurou foi uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores, em termos aceitáveis para as ciências naturais.” (MARTINS, 2000, p. 7). Para isso, precisava identificar os mecanismos cerebrais subjacentes a uma determinada função, com a explicação detalhada da sua história, ao longo do desenvolvimento.

A ênfase reservada pelo educador capixaba à faculdade da memória

No capítulo que disserta sobre ortofrenia, o educador Elpídio Pimentel argumenta, no que tange às faculdades mentais, que: “[...] para aprender é preciso compreender e, para isso, é preciso ficar atento” (PIMENTEL, 1923, p. 420). O espírito retém o que compreende, e compreende o que o raciocínio percebe. O autor sintetiza a inteligência humana nas seguintes faculdades essenciais:

I Percepção externa

II Percepção interna

III Razão

IV Atenção

V Comparação

VI Juízo

VII Raciocínio

VIII – Associação de ideias

IX Abstração

X Generalização

XI Memória

XII Imaginação

XIII Linguagem

Estas manifestações da inteligência, chamadas de faculdades intelectivas, dividem-se, segundo Pimentel (1923), em três grupos: “O primeiro grupo refere-se às faculdades de intuição: razão, percepção externa e percepção interna” (PIMENTEL, 1923, p. 421). Sob o domínio da atenção estão as faculdades de elaboração: comparação, abstração, generalização, juízo e raciocínio. Já o terceiro grupo refere-se às faculdades de conservação: “[...] memória, linguagem, associação de ideias e imaginação” (PIMENTEL, 1923, p. 422).

Dentre as várias faculdades mentais citadas no capítulo de Ortofrenia, Elpidio Pimentel reserva um outro capítulo (XI) específico para o desenvolvimento da memória. A seguir, serão expostos recortes do que o educador disserta sobre a memória:

É a memória – o fenômeno mais complicado do organismo humano – a faculdade por excelência, no homem.

Não fosse ela, todos os nossos esforços se perderiam, toda a instrução resultaria nula, toda a educação seria vã. Por ela, guardamos, reproduzimos e combinamos, nas ocasiões necessárias, os conhecimentos que a atenção nos ministra. Todos vivemos de recordações e esperanças. Felizes os que lembram, os que esperam! (PIMENTEL, 1923, p. 477)

Sem ela, o nosso cérebro seria caótico, incapaz de pensar, de agir, de imaginar, de discernir, de recordar. (PIMENTEL, 1923, p. 477).

O coração mais afetuoso perderia toda sua ternura, se não houvesse recordações (PIMENTEL, 1923, p. 478).

O doido não possui memória, mas possui imaginação. Os grandes descobrimentos, as invenções maravilhosas são produtos dela (PIMENTEL, 1923, p. 480).

A memória é em boa síntese, um agregado complexo de memórias parciais, que correspondem aos nossos diversos sentidos. Temos, pois, uma memória auditiva, uma memória visual, uma memória tátil, uma memória olfativa, etc (PIMENTEL, 1923, p. 480).

Uns lembram-se facilmente das datas, outros dos nomes, esses das feições, aqueles outros, dos timbres de voz, etc (PIMENTEL, 1923, p. 480).

Conforme os organismos, essas faculdades parciais são mais ou menos desenvolvidas. Daí as inclinações, as vocações individuais,

que os mestres devem explorar em seus alunos para conveniente e proveitosamente os encarrear (PIMENTEL, 1923, p. 481).

Ilustra-se a memória, apurando-se a atenção (PIMENTEL, 1923, p. 482).

Chama-se memórias cultas, as que facilmente aprendem, tenazmente conservam e fielmente reproduzem.

Há organismos, que guardam em si todas as impressões de alegria ou de ódio, que as ferem. A esse fenômeno se dá a designação de – memória emotiva ou das emoções (PIMENTEL, 1923, p. 481).

Educa-se a memória, exercitando-a em decorações (PIMENTEL, 1923, p. 482).

A recitação, a declamação são bons exercícios mnemônicos. As crianças só devem decorar – sem exceções – o que entenderem... (PIMENTEL, 1923, p.483).

A decoração se faz por dois métodos: a fragmentária, que consiste em dividirmos o trecho em pedaços e decorá-los parcialmente e o global, que nos manda ler, muitas vezes e decorá-lo, o excerto escolhido. [...] Memória e atenção são termos, que não se explicam separados, os que melhor atentam, mais fortemente fixam (PIMENTEL, 1923, p. 486).

O poder da lembrança, ou a faculdade mnemônica de qualquer indivíduo avalia-se pela facilidade com que reproduz, sem intervalo de tempo, certas impressões fixadas (PIMENTEL, 1923, p. 487).

Se quiserdes saber, praticai, repeti, renova sempre o que aprendeste (PIMENTEL, 1923, p. 488).

A explanação acima sobre a memória é um fragmento do que o professor Elpídio Pimentel escreve no manual didático: *Postillas Pedagógicas*. Existe ternura na escrita do educador. No entanto, no que diz respeito à função da memória observa-se a ênfase à recitação e ao decorar, próprias do ensino tradicional. As mudanças pedagógicas pertinentes ao escolanovismo eram incipientes, nos anos 20 do século XX, no Brasil. Outro aspecto é a visão essencialista, pois para o educador os grandes descobrimentos seriam decorrentes da memória, ou seja da atividade do pensamento. A visão de que o mundo das ideias cria o mundo material.

Após explanar fragmentos do capítulo reservado à faculdade da memória, pelo professor Elpídio Pimentel, o texto segue com a segunda parte, referente às contribuições deixadas pelo educador russo Vygotsky, em relação ao desenvolvimento cultural da memória.

Vygotsky e o processo funcional memória

O que o professor Elpídio Pimentel intitulou de faculdades intelectivas, Vygotsky irá nomear como processos funcionais, quais sejam: a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação, a emoção e o sentimento (MARTINS, 2013).

De acordo com Martins (2013), para Vygotsky existe a memória involuntária e a voluntária. A memória involuntária (ou natural), representa a forma primária, elementar de fixação mnemônica, estruturando-se na base das marcas deixadas pelas experiências nos processos de excitação do córtex cerebral, resultando em registros espontâneos. Este tipo de memória caracteriza-se pela impressão não mediada de materiais. É uma memória muito próxima da percepção, pois surge da influência direta dos estímulos externos sobre os seres humanos. (VYGOTSKY, 2000). Por sua vez, a memória voluntária inclui um apelo consciente, a atitude de recordar. Para isso, são utilizados recursos auxiliares. A característica essencial é a estimulação ambiental autogerada. A memória mediada, fundada em signos, não resulta de transformações na estrutura interna da memória e sim de alianças que se instituem entre ela e uma série de outras operações psíquicas, de relações interfuncionais (MARTINS, 2013).

O desenvolvimento da memória se estabelece com base em um percurso culturalmente orientado, cujo início é feito com a prevalência da memória involuntária, caminha na direção de uma prevalência relativa e culmina na prevalência absoluta da memória voluntária sobre a involuntária. Todo o processo acontece graças ao desenvolvimento do pensamento abstrato e das demais funções que ela requer (MARTINS, 2013). Cada uma das transformações cria as condições para o próximo estágio e é, em si mesma, condicionada pelo estágio precedente.

Dessa forma essas transformações são de natureza histórica, pois estão ligadas como estágios de um mesmo processo. Para o educador, a história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dos processos

elementares, de origem biológica e das funções psicológicas superiores, de origem sociocultural (VYGOTSKY, 2000).

O desenvolvimento da memória, conforme a abordagem vygotskyana deve ser estudado não somente com respeito às mudanças que ocorrem dentro do próprio sistema de memória, como também com relação à memória e suas funções. É com a ajuda de signos que possibilita aos humanos a capacidade de lembrar (VYGOTSKY, 2000). Nesse sentido, se nos primeiros anos de vida já se verifica uma grande capacidade na criança para registrar e fixar vestígios, é na idade escolar, por meio do ensino e da educação sistematizada, que transformações decisivas ocorrem em direção à conquista da memorização mediada, em um processo que converte a memória objetiva em memória lógica (MARTINS, 2013).

Por isso, se na criança o intelecto/pensamento é uma função da memória; na adolescência a memória é função do intelecto/pensamento (MARTINS, 2013; VYGOTSKY, 2000). “É, pois, no desenvolvimento cultural do pensamento que a memória se libera das imagens visuais diretas, graças à mediação da linguagem” (VYGOTSKY, 2000, p. 165). Se inicialmente existia a vinculação entre as imagens e as palavras, em outro momento, a palavra abarca a imagem eidética, o que promove a ruptura com a memorização visual imediata. É quando ocorre a memorização verbal que dará possibilidades mnemônicas à memorização conceitual (MARTINS, 2013). Neste tipo de trabalho de memória, só pode ocorrer de modo intencional. “A maior efetividade da memória requer, portanto, uma atitude ativa por parte do indivíduo” (MARTINS, 2013, p. 167).

Após apresentar fragmentos dos estudos de Vygotsky sobre a memória é possível perceber aproximações com algumas ideias de Pimentel, como por exemplo, a visão de que a memória se desenvolve por meio de alianças com outras operações psíquicas, como no caso da memória com a atenção enfatizada pelo educador capixaba. Todavia, em Vygotsky observa-se termos como: transformação, córtex cerebral, relações interfuncionais, funções

psicológicas superiores, origem sociocultural, atitude ativa do indivíduo. O desenvolvimento do sujeito decorre das condições materiais de existência, dos aspectos biológicos, mas também das funções psicológicas superiores, da origem sociocultural. O educador russo enfatiza que a educação e o ensino promovem as alterações nas funções mentais. Quanto mais o sujeito aprende, mais evolui de uma memória objetiva para uma memória lógica.

Demarcações entre o processo de tradução utilizado por Pimentel e de transformação registrado por Vygotsky

Os fragmentos apresentados, a respeito do pensamento dos educadores, neste trabalho sobre a memória, oferecem poucos indícios da abordagem essencialista revelada por Elpídio Pimentel, bem como da abordagem materialista-histórica, por parte de Vygotsky. Cabe situar que não é objetivo deste estudo fazer uma comparação entre as abordagens de um e outro educador, embora ofereça pistas para que se entenda estas diferenças. Pode-se assinalar, por exemplo, as palavras “decorar”, “reproduzir”, as quais comparecem repetidas vezes em Elpídio Pimentel; enquanto em Vygotsky o termo “transformação” é que se destaca. Tanto um como o outro educador expressam a importância da educação para a humanização dos indivíduos. Contudo, Elpídio Pimentel o faz pelo uso da essência ao salientar a mudança por parte do sujeito, enquanto Vygotsky sugere a importância das relações do indivíduo com outros seres humanos e com o mundo, para promover mudanças de comportamento. O desenvolvimento das funções superiores, é condicionado pelas apropriações culturais, sob condições históricas as quais são distintas entre os indivíduos.

Ora, se o psiquismo é uma unidade material e ideal que se desenvolve socialmente, não seria o caso de realizar e contextualizar os estudos e pesquisas na área da educação especial para os aspectos históricos, para a memória desta formação docente? O distintivo da atividade humana, consciente, aponta na direção da assimilação dos resultados da experiência de

toda a humanidade. Portanto, “[...] as ações e habilidades humanas resultam das apropriações do legado construído histórico-socialmente” (MARTINS, 2013, p. 40).

Considerações Finais:

Até aqui o leitor pode perceber que este estudo se utiliza do instrumento do estudo da faculdade da memória, para se reportar à importância de se fazer memória com a história da educação especial, a partir da história da formação de professores. Defende-se que, apenas pelas “leis históricas”, pela psicologia histórica – o psiquismo humano poderia ser explicado, em sua concretude. O pensamento requer o uso da memória, assim como o fazer docente requer o conhecimento da forma como foram se constituindo, historicamente, os saberes e as práticas da formação dos professores.

Ao primar pela ação/reflexão/ação docente, por que tanta negação da memória construída sócio-histórica, em relação à história da educação especial? Se Vygotsky se detém a estudar as funções psíquicas superiores, o que a história da educação no Brasil e no Espírito Santo encontra sobre estas funções, em diferentes cenários brasileiros? Como as pessoas com necessidades especiais eram tratadas/educadas/ensinadas no período Colonial, Imperial e na República, anterior à década de 1980?

Uma vez que a existência social cria, igualmente, formas de funcionamento psíquico, uma vez que esta existência social é situada, datada, como almejar mudanças psíquicas, mudanças de práticas docentes se este educador não se reporta à história, à memória da sua atividade, em seu contexto geográfico? Como abordar o tempo presente de inclusão, tempos de cuidados, de descontinuidades e incertezas e desestabilizar as imagens do passado como negatividade?

REFERÊNCIAS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. **Histórico** Disponível em: <https://ael.org.br/historico.html>. Acesso em: 20 fev. 2011.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=hist%C3%B3ria+da+educa%C3%A7%C3%A3o+especial&type=Subject>. Acesso em: ago. de 2020.

GARCIA, R. A. G. 2010. **A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e criança problema no Rio de Janeiro, 1934-1949.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_72ba3f7f64581c3e1108f5fb96811545. Acesso em: 15 set. 2012.

JANNUZZI, G. de M.. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** São Paulo, Autores Associados, 2004.

LEITE, J. L. **Maria Stella de Novaes**; coordenação: Antônio de Pádua Gurgel. Vitória, ES: Pro Texto Comunicação e Cultura, 2007. (Coleção Grandes Nomes do Espírito Santo).

KULESKA W. A. 2011. **Formação docente na Escola Normal da Paraíba.** In: SIMÕES, R. H. S.; CORREA, R. L. T.; MENDONÇA, A. W. P. C. (Org.). História da formação docente no Brasil. Vitória: Edufes.

LE GOFF, J. **História e memória.** [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: agosto de 2020

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MAZZOTA, **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo, EPU; EDUSP, 1974.

MOREIRA, L. C.; TAVARES, T. M. (2009). O aluno com necessidades especiais do ensino médio no Município de Curitiba: indicativos iniciais para as políticas públicas. In: BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. **Avanços em políticas de Inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países**. Porto Alegre: Mediação. p. 191-203.

PIMENTEL, E. 1923. **Postillas Pedagógicas**. Vitória: [s.n.]

SOUSA SANTOS, B. S. 2008. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção memória da educação).

SCHWARTZ, C. M. 2008. **Ensino da leitura no Espírito Santo (1911-1930): uma análise das concepções de leitura, de texto e de linguagem**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracajú. [Anais...]. Aracajú: Universidade Federal de Sergipe.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madri: Visor, 1995.